

Dificuldades e alternativas para o ensino de química: o que dizem estudantes?

Lucinéia Pacheco de Sousa Silva¹ (IC)*, Suellen Castro Santos¹ (IC), Taís Silva Fernandes¹ (IC), Ailnete Mario do Nascimento(FM)², Miyuki Yamashita³ (PQ), Wilmo Ernesto Francisco Junior⁴(PQ). *lucineia.pacheco@hotmail.com

¹Graduandas em Licenciatura em Química pela UNIR e bolsistas do PIBID da área de química.

²Professora da EEEFM Cap. Cláudio Manuel da Costa e supervisora do PIBID-química.

³Professora do Departamento de Química da UNIR e coordenadora do PIBID área de Química.

⁴Professor da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca.

Palavras-Chave: diálogo, ensino-aprendizagem, PIBID.

Introdução

Um dos maiores desafios para o professor é criar momentos de aprendizagem capazes de fazer com que seus alunos se interessem pelo conteúdo a ser ensinado. Sabe-se que há uma variedade de propostas neste sentido, mas nem sempre se alcança os resultados ensejados. Para Paulo Freire¹, o diálogo se constitui em aspecto primordial no processo de educativo. O exercício do diálogo, mediatizado pelo mundo, permite que as palavras ganhem significado, fazendo emergir uma compreensão mais crítica da realidade.

É nesse sentido que o trabalho aqui descrito se propõe a dialogar com os estudantes com o intuito de captar suas dificuldades, assim como seus vislumbres sobre um melhor ensino de química, permitindo, num segundo momento, empreender ações que possam ir ao encontro dessas. A partir dessa perspectiva, propomos a um grupo de 110 alunos de 1º, 2º e 3º anos do EM de uma escola pública em Porto Velho/RO que descrevessem suas dificuldades e apresentassem sugestões que facilitaria o entendimento em química e proporcionasse maior motivação.

Resultados e Discussão

Com base nos dados coletados, notamos que as dificuldades apresentadas estão associadas a questões diversas, algumas já conhecidas, como os cálculos matemáticos, destacado por 9 alunos.

“O professor precisa ter mais paciência nas explicações dos cálculos, e de preferencia trabalhar com ilustrações (...).”

A necessidade de abstração, que já aparece quando o estudante sugere o uso de ilustrações, assim como as dificuldades de leitura são também reconhecidas (16 estudantes): *“Tenho dificuldade de interpretar as questões (...) de imaginar como as coisas da química acontecem.”*

Ao mesmo tempo, os estudantes também destacam como positivo as aulas experimentais.

“Tenho muita dificuldade de entender a química quando estou na sala de aula, mas quando vou para o laboratório consigo assimilar melhor o conteúdo.”

As aulas práticas são comuns na escola pesquisada, evidenciado pelo número de alunos (73)

que ressaltaram sua importância. É interessante apontar que a professora da escola tem como prática comum o uso de situações-problema a partir de experimentos, fato que tem contribuído com a aprendizagem, conforme relatado. Ao tentar envolver os aspectos teóricos, em geral intangíveis, e o visual, que está a cargo de aulas em laboratório, os resultados são positivos.

A dificuldade com terminologias (3 alunos) e a incompreensão dos motivos de se estudar química também foi destacada (11 estudantes): *“Não consigo entender o porquê de estudar química, para que serve?”* Tal questionamento é bastante comum entre os estudantes e, muitas vezes, nem os próprios docentes têm clareza sobre essa necessidade, emitindo respostas vagas como “vai cair na prova”, “para o vestibular” etc. A importância de se conceber um ensino de química que faça sentido à realidade escolar é primordial.

Os alunos também sugeriram recursos que o professor poderia empregar para minimizar as dificuldades. Dentre eles apareceram ilustrações, blogs, documentários, teatro, filmes, pesquisas, jogos, gincanas, desafios, debates, além das aulas em laboratório. É possível inferir que os próprios estudantes referem atividades ativas para a aprendizagem, fato praticamente consensual no ensino de química².

Conclusões

A partir dos resultados, percebe-se que os alunos possuem relativa clareza das dificuldades de compreensão em química, sugerindo inclusive ferramentas ao professor cuja participação seja maior. Com estas informações pretende-se elaborar atividades que contemplem as sugestões dos alunos, o que ter efeito positivo ao perceberem que suas ideias e posições foram levadas em consideração.

Agradecimentos

À CAPES pelas bolsas e apoio financeiro.

¹FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²SCHNETZLER, R. P. A Pesquisa no ensino de química e a importância da Química Nova na Escola. **Química Nova na Escola**, n. 20, p. 49-54, 2004.